

JARDIM COM PLANTAS MEDICINAIS

Igor Grecco de Lima*

Bruna Barbosa Barroca**

Antonio Claret Pereira de Miranda***

Pérsio Sandir D'Oliveira****

RESUMO: Este trabalho foi executado para avaliar o uso de plantas medicinais na formação de jardins. Foram empregadas oito espécies, escolhidas pelo aroma, beleza, porte, rusticidade e velocidade de crescimento: babosa (*Aloe vera* L.), bálsamo (*Cotyledon orbiculata* L.), capuchinha (*Tropaeolum majus* L.), hortelã (*Mentha piperita* L.), losna (*Artemisia absinthium* L.), manjerição (*Ocimum basilicum* L.), mil-folhas (*Achillea millefolium* L.) e orégano (*Origanum vulgare* L.). O experimento foi conduzido em condições de campo, com mudas obtidas por via vegetativa, produzidas no Horto de Plantas Medicinais do CESUMAR. O plantio ocorreu no mês de novembro de 2007, e o jardim foi avaliado em julho de 2008. A adubação de plantio foi feita com vermicomposto (3 kg m⁻²). Durante todo o período as plantas foram monitoradas para manutenção da fitossanidade, bem como irrigadas durante a época seca. Ao final do período do experimento, verificou-se que as plantas medicinais não apresentaram sintomas de ataque de pragas e doenças, e todas, com exceção da hortelã, mostraram desenvolvimento adequado nas condições de clima e solo do ensaio. As plantas medicinais podem ser usadas para a formação de jardins com finalidade ornamental.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanismo; Paisagismo; Plantas Medicinais; Sustentabilidade.

MEDICINAL PLANTS GARDEN

ABSTRACT: This work was carried out to study the use of medicinal plants in gardening. It was used eight plant species, chosen by smell, beauty, height, hardiness and growing speed: aloe (*Aloe vera* L.), pig's ear (*Cotyledon orbiculata* L.), garden nasturtium (*Tropaeolum majus* L.), mint (*Mentha piperita* L.), absinthium (*Artemisia absinthium* L.), sweet basil (*Ocimum basilicum* L.), yarrow (*Achillea millefolium* L.) and oregano (*Origanum vulgare* L.). The experiment was conducted in field conditions, with seedlings produced by vegetative way, in the CESUMAR's Medicinal Plants Experimental Garden. Seedlings were planted in November, 2007, and the garden was evaluated in July, 2008. The plant manure was done by vermicomposting (3 kg m⁻²). During experimental period, plants were watched out to maintenance of phytossanitary, and also received irrigation during dry season. After experimental ending, it was noted that medicinal plants did not show symptoms of pest or diseases, and all, but mint, showed adequate development in soil and weather conditions of trial. Medicinal plants can be used to gardening with an ornamental purpose.

KEYWORDS: Urbanism; Gardening; Medicinal Plants; Sustainability.

* Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Centro Universitário de Maringá – PROBIC / CESUMAR. E-mail: igorl_@hotmail.com

** Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: brubarroca@hotmail.com

*** Docente Mestre e Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: miranda@cesumar.br

**** Docente Doutor do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: psandir@cesumar.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, a maioria dos centros urbanos não oferece qualidade de vida para seus habitantes. O solo das cidades está impermeabilizado, em grande parte, com asfalto, concreto e calçadas (DIAS, 1997). O ritmo de vida mais acelerado e o confinamento doméstico causado pela insegurança das ruas proporcionam a necessidade de novas atitudes (ABBUD, 2006). Entre as estratégias para reverter esse processo destacam-se as áreas verdes: arborização urbana, parques florestais, calçadas ecológicas e implantação de jardins (JACOBI, 2008).

O paisagismo busca criar beleza, tem intenções estéticas compostas nas formas, cores e texturas, luz e sombra, aromas e sabores, possibilitando mais liberdade de ação, e não está limitado a seguir regras restritas (ABBUD, 2006). Um jardim ou paisagem projetada pode empregar pontos focais, que são elementos dispostos nos espaços. Na criação dos espaços e suas hierarquias, é importante ter em mente o que significa o aqui e o ali, o próximo e o pouco distante, o que há em redor do observador e o que ele vê em segundo e demais planos. Pode-se sugerir maior profundidade espacial se houver um adequado jogo de "portes" com base nas estratégias apontadas (ABBUD, 2006).

Muitas espécies de plantas ornamentais se prestam para esta finalidade, como: gramas, flores e arbustos; entretanto, nos últimos anos, buscam-se novas espécies de plantas e novos estilos de jardinagem, os quais podem ser elaborados com plantas medicinais: aquelas que possuem substâncias com ação farmacológica (FURLAN, 1999). Algumas delas, como o orégano, a mil-folhas, a capuchinha e outras, desenvolvem flores e folhas de grande beleza, igualando-se a muitas espécies de plantas ornamentais conhecidas e utilizadas rotineiramente há muito tempo. Além disso, essas plantas são muito resistentes a pragas, doenças e, em alguns casos, até mesmo à poluição (CORRÊA JR.; MING; SCHEFFER, 1994; LORENZI; MATOS, 2002). Plantas que são medicinais e condimentares, como a hortelã e manjeriço, também possuem odor intenso e agradável, quebrando a monotonia de jardins, onde a principal preocupação é com as formas e cores (CASTRO; CHEMALE, 1995).

De modo geral, os jardins urbanos são planejados e executados sem muita variação. A sua manutenção é de custo elevado, principalmente no que diz respeito ao combate de pragas e doenças, entre outros tratamentos culturais. O uso de vermicomposto (húmus de minhoca) é justificado, pois um número crescente de cidades brasileiras utiliza o processo para o tratamento de resíduos sólidos urbanos de natureza orgânica (ALVES, 1996). Além disso, o uso de plantas medicinais em jardinagem é uma

alternativa a ser explorada: a beleza dos jardins com plantas medicinais atrai muitos visitantes, além de agentes polinizadores, e serve a práticas de educação ambiental, como o uso de plantas medicinais (INDIANA MEDICAL HISTORY MUSEUM, 2008).

Por outro lado, deficientes visuais raramente podem apreciar a beleza de um jardim convencional, ao passo que um jardim com plantas medicinais e/ou condimentares, fortemente aromáticas, pode agradar também esse público alvo, uma vez que o paisagismo envolve a visão, o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas (ABBUD, 2006).

Experiências com plantas medicinais foram feitas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde a coleção temática de plantas medicinais existe desde 1989. São em cerca de 130 espécies, de diferentes origens e famílias, reunidas em 25 canteiros dispostos em três conjuntos: espécies medicinais agrupadas pela atuação em sistemas do corpo humano; espécies medicinais condimentares, aromáticas, cosméticas e utilizadas em rituais; e espécies de herança cultural (INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO, 2005).

Os arbustos são elementos importantes na elaboração do plano de massa de vegetais. Em decorrência de seu pequeno volume, os arbustos necessitam de pouca profundidade de solo para sobrevivência. Por outro lado, há um elenco de plantas rasteiras que não servem para ser pisadas, mas que possibilitam efeitos surpreendentes sobre o solo, pois oferecem flores e folhas coloridas que podem formar relvados e tapetes com texturas e cores maravilhosas (ABBUD, 2006).

O objetivo deste trabalho foi avaliar o cultivo de plantas medicinais em jardins ornamentais, para identificar o valor paisagístico das espécies selecionadas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi realizado em canteiro, no Horto de Plantas, no campus-sede do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), situado no município de Maringá, Paraná, noroeste do Paraná, entre 30/08/2007 a 30/07/2008. A cidade é cortada pelo Trópico de Capricórnio, e suas coordenadas geográficas são: 23° 25' S e 51° 57' W. O clima é do tipo Cfa(h): subtropical úmido, com verões quentes e geadas pouco frequentes (AYO-ADE, 2003).

O canteiro experimental, com área de 2,5 m² (2,5 metros de

comprimento x 1,0 m de largura) foi localizado rente a um muro de aproximadamente 3 metros de altura. Dessa forma, entre os meses de abril até julho, o jardim não recebia grande insolação, durante parte do dia. O solo foi revolvido com enxada, pá e picareta, na profundidade de 30 cm, e, em seguida, foi incorporado o vermicomposto (dose de 3kg m⁻²).

Após o preparo do solo, o canteiro foi irrigado por aspersão duas vezes ao dia (no início da manhã e no fim da tarde) durante sete dias. Em seguida, foi feito o plantio das mudas das seguintes espécies medicinais: babosa (*Aloe vera* L.), bálsamo (*Cotyledon orbiculata* L.), capuchinha (*Tropaeolum majus* L.), hortelã (*Mentha piperita* L.), losna (*Artemisia absinthium* L.), manjerição (*Ocimum basilicum* L.), mil-folhas (*Achillea millefolium* L.) e orégano (*Origanum vulgare* L.) (Figura 1).



Figura 1 Canteiro após duas semanas.

Foram plantadas 20 mudas de capuchinha, 28 mudas de hortelã, 9 mudas de mil-folhas, 5 mudas de bálsamo, 1 muda de babosa, 6 mudas de losna, 8 mudas de manjerição e 4 mudas de orégano. Os espaçamentos variaram de acordo com as espécies das plantas: capuchinha de 0,20 a 0,30 m; mil-folhas de 0,10 a 0,15m; hortelã de 0,10 a 0,20m; losna de 0,30 a 0,50m; manjerição de 0,30 a 0,50m; orégano de 0,15 a 0,40m; bálsamo de 0,25 a 0,40m (CASTRO; CHEMALE, 1995; FURLAN, 1999).

Houve a preocupação de utilizar espécies, como a losna e o manjerição, para proporcionar o efeito estético através de elementos paisagísticos; uso de arbustos, quebrando a horizontalidade e trabalhando com massas e elementos vegetais. Juntamente com os arbustos de pequeno porte, o uso da forração foi garantido com plantas rasteiras, capuchinha, hortelã e orégano, buscando harmonia, uniformidade e diferenciação paisagística em termos de composição (Figura 2).



Figura 2 Canteiro após 2 meses.

Todas as mudas selecionadas foram plantadas em sacos de estopa com terra tratada com esterco e adubo formulado (10-10-10). Em sua maioria as plantas foram preparadas a partir de estacas, cortadas de plantas adultas. As mudas de babosa foram obtida pela remoção de brotos produzidos por planta mãe. Em seguida, com um crescimento submediano, foram plantadas no terreno selecionado. O plantio foi realizado na primavera, no mês de novembro, com um clima de sol forte e abundância de chuva. A distribuição das mudas no terreno seguiu um desenho projetado para a limitação e melhor divisão das espécies, ficando ao fundo as de maior porte (manjerição, losna), à frente as de menor porte (oregano, hortelã, mil-folhas, capuchinha, balsamo) e no centro a planta mais diferenciada (babosa) (CASTRO; CHEMALE, 1995; FRANCO, 1996).

Após o plantio, os canteiros foram irrigados duas vezes por dia. Foram feitas capinas manuais, semanalmente, para eliminar as plantas daninhas e controle de pragas e doenças, as quais não necessitaram da aplicação de pesticidas, uma vez que antes do plantio foi exterminado a invasão de formigas. Não foi aplicada adubação de cobertura, em nenhum momento.

A influência do tempo foi válida apenas em certos períodos consideravelmente relevantes para o desenvolvimento das plantas. Em períodos de sol intenso e grande quantidade de chuva, todas, exceto o bálsamo, apresentaram redução no desenvolvimento (CORRÊA; BATISTA; QUINTAS, 2003; CAS-

TRO; CHEMALE, 1995). A ocorrência de chuva intensa e queda de granizo foi muito prejudicial para algumas plantas, como a hortelã e a mil-folhas, limitando seu desenvolvimento. O frio intenso proporcionou à capuchinha ótimo crescimento; porém, o bálsamo foi prejudicado com queda de folhas e redução do porte.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sobrevivência e desenvolvimento das mudas foram diferentes conforme a espécie, porém somente a hortelã não teve crescimento contínuo. No início do plantio a hortelã apresentou desenvolvimento limitado, com poucas folhas e nenhuma flor. Após o período de um mês já apresentava resultados, aumento da folhagem e espalhamento pelo canteiro. No período de frio e principalmente com a chuva de granizo, suas folhas foram queimadas e caíram perdendo o aspecto belo e limpo (Figura 3).



Figura 3 Canteiro aos 10 meses (redução da hortelã).

O maior rendimento foi observado na capuchinha, que atingiu o melhor aspecto paisagístico quanto ao seu porte e beleza. Das 20 mudas plantadas apenas uma sobreviveu, e se alastrou por todo o canteiro entre janeiro e fevereiro. O responsável foi uma lagarta, que foi eliminada manualmente sem necessidade de uso de agrotóxicos, e a mesma não voltou a atacar. A capuchinha foi a planta com maior beleza e impacto paisagístico: suas folhas redondas e grandes e sua flor com cores fortes exaltaram essa qualidade (Figura 4). Com exceção da hortelã, as outras espécies tiveram seu desempenho conforme o esperado (CASTRO; CHEMALE, 1995; FURLAN, 1999).



Figura 4 Capuchinha aos 10 meses.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria das plantas medicinais utilizadas neste experimento provou ser adequada para a elaboração de jardins ornamentais, com a exceção da hortelã, que teve baixo índice de sobrevivência. A capuchinha foi adequada para planta de forração, e as espécies de porte mais alto foram adequadas na composição de espaços (Figura 5).

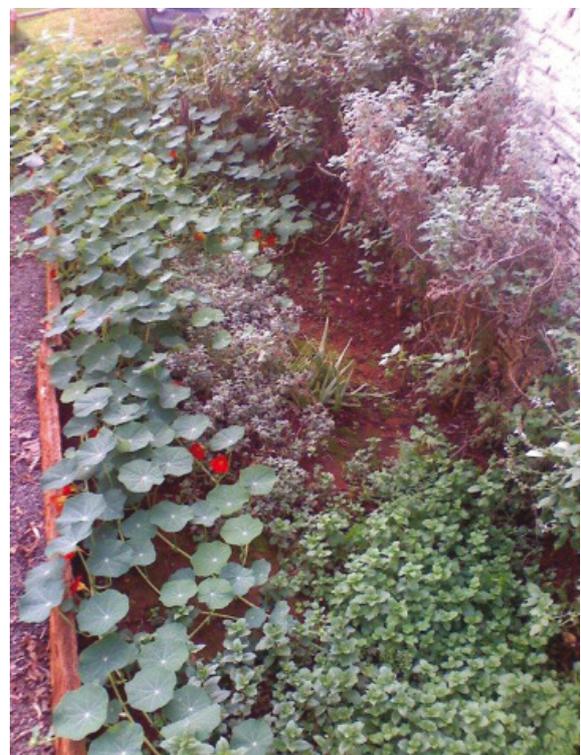


Figura 5 Jardim no final do experimento.

O local escolhido para o plantio teve efeito no desenvolvi-

mento do jardim de plantas medicinais, pois sua localização, voltada para sudoeste, garantiu sol pleno entre os meses de agosto a abril, e insolação indireta nos demais meses. Portanto, o uso de plantas medicinais na formação de jardins com finalidade ornamental se mostrou viável.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. **Criando paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. 2. ed. São Paulo, SP: SENAC, 2006.
- ALVES, W. L. Compostagem e vermicompostagem no tratamento de lixo urbano. Jaboticabal, SP: FUNEP, 1996.
- AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003.
- CASTRO, L. O.; CHEMALE, V. M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas**: descrição e cultivo. Guaíba, RS: Agropecuária, 1995.
- CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. M. **Plantas medicinais**: do cultivo à terapêutica. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CORREA JR., C.; MING, L. C.; SCHEFFER, M. C. **Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas**. 2. ed. Jaboticabal, SP: FUNEP, 1994.
- DIAS, G. F. **Elementos de ecologia urbana e sua estrutura ecossistêmica**. Brasília, DF: IBAMA, 1997. (Meio Ambiente em Debate, n. 18).
- FRANCO, L. L. **As sensacionais 50 plantas medicinais**: campeãs de poder curativo. Curitiba, PR: Santa Mônica, 1996. v. 1.
- FURLAN, A. R. **Cultivo de plantas medicinais**. 2. ed. Cuiabá, MT: SEBRAE/MT, 1999.
- INDIANA MEDICAL HISTORY MUSEUM. **Guide to the Medicinal Plant Garden**. Disponível em: <<http://www.imhm.org/visit/medicinalgardenbook.pdf>>. Acesso em: 25 Jul. 2008.
- INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Novos canteiros de plantas medicinais do JB serão entregues ao público**. 16 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.jbrj.gov.br/materias/16_12_2005\(1\).htm](http://www.jbrj.gov.br/materias/16_12_2005(1).htm)>. Acesso em: 29 Jul. 2008.
- JACOBI, C. M. **Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável**: ecologia urbana. Disponível em: <<http://www.icb.ufmg.br/big/beds/arquivos/ecourbana.pdf>>. Acesso em: 30 Jun. 2008.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil**: nativas e exóticas. Nova Odessa, SP: Plantarum, 2002.

Recebido em: 17 Setembro 2008

Aceito em: 12 Agosto 2010